

# Economia acelerou ritmo e reforça temores com inflação, diz consultor

VALOR ECONÔMICO

JÚLIO BITTENCOURT/VALOR

Denise Neumann

De São Paulo

O Brasil deve crescer mais que o esperado em 2003. Consultores pessimistas em relação ao nível de atividade começam a revisar projeções. A Rosenberg & Associados — que no começo de novembro ainda previa estagnação econômica para este ano — agora espera um Produto Interno Bruto (PIB) 2% maior.

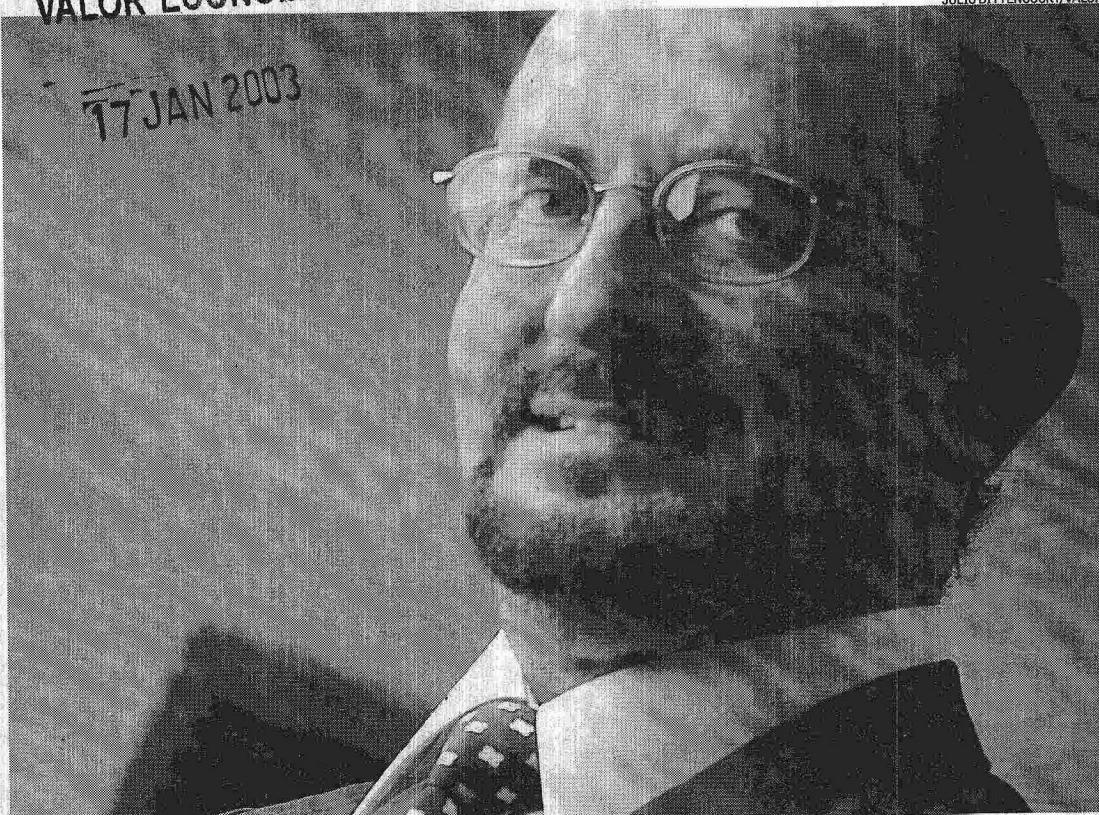
"O cenário tem uma face boa e uma face ruim; a economia está menos deprimida, mas ainda está acossada pela alta de preços", diz o consultor Luís Paulo Rosenberg. Ele vê sinais claros de demanda pressionando preços. "Não é hora de abaixar os juros", adverte.

O ritmo mais acelerado começou no final de 2002. Nas contas da consultoria, a indústria terminou o quarto trimestre do ano passado crescendo mais de 6% em relação ao ano anterior. Uma taxa equivalente àquela alcançada no fim de 2000, período que embalou o começo forte de 2001, depois abortado pela crise do racionamento de energia elétrica.

Saque da poupança, compras com cartão de crédito, recursos extras provenientes do acordo do FGTS, mais volume e mais prazo nas compras a crédito aqueceram a demanda e vão manter a taxa de crescimento acelerada ao menos durante o primeiro bimestre, prevêem os economistas da Rosenberg & Associados.

"Estou mais otimista com a atividade", reconhece Rosenberg, sócio-diretor da consultoria. "Mas isso só aumenta as preocupações com a inflação", acrescenta. Ao contrário de boa parte dos economistas do mercado, ele acredita em inflação de demanda.

Para Rosenberg, está totalmente descartada a hipótese de uma queda na taxa básica de juros na reunião primeira reunião do novo Comitê de Política Mo-



Luís Paulo Rosenberg vê Brasil crescendo 2%, mas com muitos riscos associados à inflação e à apreciação cambial

netária (Copom), semana que vem. "Os juros só podem cair depois de três meses de decréscimo monotônico dos índices de preços para dar tranquilidade. E eu acho que a inflação ainda terá mais um ciclo de alta antes de cair. É cedo para comemorar a queda", aconselha.

Na avaliação da Rosenberg, R\$ 400 milhões saíram das caderetas de poupança para o consumo no fim do ano. Esses recursos, aliados ao valores relativos ao acordo do FGTS (que teve o efeito secundário de reduzir a inadimplência e liberar consumidores para novas compras a prazo) e ao otimismo com o novo governo explicam o bom movimento no fim do ano. A consultoria estima que as vendas de Natal foram, no mínimo, 5% a 7% superiores às de 2001.

A Rosenberg alterou fortemente suas previsões para a produção in-

dustrial de 2002 e 2003. O crescimento de 2002 deve ter alcançado 2,4% e o de 2003 foi reestimado para 3,1% — antes, estava projetado em apenas 0,5%. A correção dos saldos do FGTS, lembra a consultoria, continuará a incentivar a atividade em 2003. A segunda parcela e uma nova leva de beneficiários começaram a receber os recursos esta semana. Na primeira etapa, segundo a Caixa Econômica Federal foram injetados na economia R\$ 7,2 bilhões, equivalentes a 37,5 mil contas sacadas.

Mas há muitos riscos no cenário. Rosenberg tem duas grandes preocupações, interligadas: a inflação e taxa de câmbio. O dólar, diz o consultor, tem que ficar onde está. Não pode cair muito. "Neste sentido, a rolagem de 100% dos papéis cambiais na semana passada foi um movimento na direção errada", avalia.

O Banco Central, diz ele, precisa ficar atento e evitar uma maior apreciação do real. Armínio Fraga, ex-BC, cometeu esse mesmo erro em 1999, após controlar a desvalorização cambial quando a moeda começou a flutuar. "O país precisa de um superávit comercial próximo a US\$ 18 bilhões", argumenta.

Nas contas da Rosenberg, o dólar real de 2002 equivale, a valores de janeiro de 2003, a R\$ 3,21. Se em fevereiro, a taxa nominal ficar em R\$ 3,20, o câmbio efetivo ficará inferior ao câmbio real médio do ano passado. "Isso não pode acontecer", insiste Rosenberg.

Ele teme o risco de usar o câmbio para baixar a inflação. "É um caminho perigoso", insiste. A inflação, diz, "ainda está mais para 15% ao ano que para 10%". Mesmo assim, não dá para se encantar com a ajuda que a apreciação do real pode trazer.